

Embora a presença italiana seja uma realidade em praticamente todo o país, ela foi reestudada sobretudo em uma área de maior concentração, isto é, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Se muitos pontos em comum podem ser detectados, é preciso entretanto não esquecer que há importantes diferenças regionais e locais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, embora os italianos tenham criado uma paisagem própria, na verdade, de forma alguma, ela é homogênea.

O perigo das generalizações, afóra a imprecisão, é a formação de estereótipos. Foi o que ocorreu com os italianos quando tidos por pobres ou miseráveis ao chegar, analfabetos em sua maioria e agricultores por excelência. A inexatidão desse perfil uma vez mais fica evidenciada nesta publicação dado o importante papel desempenhado por eles quer no campo das artes e das letras, como no do comércio, da indústria, da política, da religião e da ciência em geral.

Assim, lutando na Guerra dos Farrapos ou como missionário junto a grupos indígenas; trabalhando com afinco como fizeram os Eberle, para construir uma metalúrgica; como assalariado ou desenvolvendo sua aptidão artesanal; como intelectual, artista, anarquista ou simples trabalhador braçal, o fato é que este grupo alienígena tem contribuído, e muito, na construção do nosso país.

Infelizmente, como aliás acentua um dos autores, a dificuldade ou mesmo a impossibilidade está em recuperar toda uma "memória do pequeno empreendimento" dado o papel importante desempenhado por cada um, pois esta memória perde-se com muito mais facilidade.

O organizador dessa publicação, Luis A. de Boni – que foi coordenador do Simpósio em 1985 ao lado de Maria Thereza Schorer Petrone –, está de parabéns em abrir ao estudioso, com este volume, uma rica fonte de informações. Sem dúvida, *A presença italiana no Brasil* passa a ser de consulta obrigatória a todos os que se interessam pelo assunto. ARLINDA ROCHA NOGUEIRA

\*\*\*

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. 291 p.

Pouco se pode acrescentar sobre um livro como o *Trem fantasma* depois de tantos comentários publicados pela Imprensa e mais ainda por aqueles que estão surgindo em revistas especializadas. Fica difícil um outro enfoque, de qualquer ângulo que se escolha, depois do escrito de Maria Sylvia Carvalho Franco no *Leia* de fevereiro de 1988. Se arrisco esta tarefa é porque sei que estarei chegando a público diverso e somente num tempo distante, desta hora de impacto. Por isso mesmo, depois de ter andado com o fantasma do trem, durante longo tempo na cabeça, achei viável dialogar sobre o livro com pessoas interessadas, tentando nele encontrar subsídios para melhor entender a nossa vida social, econômica e política e poder resgatar, do séc. XIX, o que nele representava este meio de transporte. Ninguém pode duvidar do papel das ferrovias em todo o mundo e é muito difícil entender o plano secundário a que foram reduzidas no Brasil...

*Trem fantasma* recoloca nos trilhos um assunto da maior importância para a História do Brasil. Em certo momento a nossa historiografia já contemplou o tema com estudos de alto valor. Quando retomo as ferrovias, para delas falar, sempre me lembro dos trabalhos pioneiros do professor e historiador Odilon Nogueira de Matos, que neles tratou do assunto com propriedade, nas décadas de 1960 e 1970. Em especial na sua tese de doutorado. A tese virou livro – *Café e ferrovias* – e, ao tratar de binômio da economia paulista, num momento de “progresso” criou uma expressão, que ficou em voga e que exaltava a função desse meio de transporte – a “ferrovia cata café”. Foot Hardman dele esqueceu e, talvez, seja este o único pecado(!) cometido, no tocante ao excelente levantamento bibliográfico, que é, a partir de agora, guia seguro para novas investigações.

Bem concebida, a obra nos conduz ao mundo novo do século XIX. Reencontramos nela muito do mundo maravilhoso, criado e representado pela burguesia de então. É no capítulo sobre as exposições universais onde reencontramos o passado no presente e podemos colher preciosidades como esta:

“(…) Com as guerras mundiais, a civilização moderna alcançou realizar mais uma forma de exhibitio; só que agora degradadas em sadismo orquestrado desde aparelhos industrial-militares com plenos poderes. É claro que as regras do espetáculo tiveram de ser adaptadas. O fascínio e a energia das antigas exposições perderam-se nos estertores da ‘belle époque’. A partir daí, o século XX iria especializar-se, com o avanço das mídias eletrônicas e dos conflitos político-militares entre potências – a que correspondeu paralelamente um declínio da influência dos discursos e rituais da diplomacia clássica –, em engenhos novos para exibir: máquinas voadoras de guerrear, mísseis intercontinentais, cogumelo atômico. A uma década e meia do terceiro milênio, Chernobyl relembra o campo minado por onde caminha a espécie. Nos porões do poder nuclear, como no laboratório secreto de mais-valia, é possível ler à porta: ‘é proibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço’. Chernobyl também faz notar o quanto está difícil o sublime. Na verdade, o ‘Crystal Palace’ não desapareceu, estilhaçou-se em tantas outras aparições, algumas delas por demais sólidas e sinistras (...)” (p. 63).

Trechos como este nos reconduzem ao presente ameaçador e fazem imaginar um futuro sem sonhos e boas realizações. Pergunta: Que mundo estará sendo preparado a partir de tanto sacrifício e que parece apontar o caos?

Ao lado destas reflexões os dados que informam. O Império do Brasil, no Reinado de Pedro II, se fazia representar no “concerto das nações civilizadas” desde os primeiros “eventos exibicionistas”, comparecendo às exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris). E caracterizar esse período como Era do Espetáculo diz tudo desde o início. Precioso este capítulo...

Em *Vertigem do Vazio* (Poder e técnica na recriação do paraíso), outro capítulo, quase a representação do “sonho cósmico” de uma época: “Imagem do Tesouro da Juventude: sobre um fundo azulado, o céu coberto de estrelas, planetas, o Sol em destaque com seus feixes de luz atravessando a noite cósmica e as nuvens; abaixo a terra, entre campos e povoados esparsos,

sua superfície sendo suficientemente ampla para se ver a curvatura desenhando-se no horizonte; e então vindo não-sei-onde, dez trens a vapor assomam nessa gravura imprimindo-lhe definitivamente a magia de uma época, cada um com seu comboio de cinco vagões, o carro conduzindo carvão e sem dúvida um foguista desconhecido, as locomotivas tipo maria-fumaça(...)" (v. anexo iconográfico que fica, no livro, entre as páginas 96 e 97). Então, era possível sonhar ...

Mas sempre, entre o sonho e a realidade, com uma visão objetiva, sem ser anódina, pode-se notar a força do autor: "Chuva, vapor, velocidade. Que mais? O trem passa veloz. Carrega um letreiro com seu nome e um desafio: *Catch me who can*. Mais do que a locomotiva e seus vagões, são precisamente os sentidos histórico-culturais de seu trajeto – de sua aparição/desaparição – que se oferecem nessa viagem para ser apanhados por quem quiser(...)" (p. 48).

Espero que cada um a seu modo, os leitores deste escrito sobre tão fantástica aventura, possa apanhar e tomar assento no trem e nele viver a viagem dos sonhos dos empreendedores do século passado e possam por si "acreditar ou não neste trem fantasma", que em tão boa hora Foot Hardman concebeu e encontrou quem o tornasse real: a Companhia das Letras, uma editora moderna e atuante que aponta para o progresso editorial de nosso tempo.

Mas também, todos, podemos relembrar Castro Alves, e viver na poesia um pouco do *trem de ferro*:

"Vós que o templo das idéias  
Largo, abris às multidões  
P'ra o batismo luminoso  
Das grandes revoluções  
Agora que o TREM DE FERRO  
Acorda o Tigre no cerro  
E espanta os caboclos nus  
Fazei deste rei dos VENTOS  
Ginete dos pensamentos  
Arauto de Grande Luz!" (in: *Livro e a América - Espumas Flutuantes*)

E, finalizando, convido a todos para voltar ao princípio e viajar com Foot Hardman nos caminhos do *Trem fantasma*. Vamos, então?... JOSÉ SEBASTIÃO WITTER.